



A IMAGEM DA LOUCURA CLÁSSICA EM SHAKESPEARE: UMA ANÁLISE EM HAMLET, KING LEAR E MACBETH

Hélio Daniel Rattes Marques Ruffini¹, Silvio Ruiz Paradiso UniCesumar²

RESUMO: A literatura Shakespereana reflete, especificamente, a tragédia humana vivenciada na ideologia europeia do medievo. Em tais textos, os personagens descritos muitas vezes como “tipos” são construídos de forma a exacerbar as características principais dos indivíduos daquele período. Todavia, dentre eles, o louco e conseqüentemente a loucura, protagoniza as lutas internas de muitos personagens do bardo inglês. Deste modo, analisar-se-á a imagem do louco tendo como foco o comportamento humano e sua relação com a loucura, utilizando-se da visão tradicional (Foucault e Rotterdam) nas peças de Willian Shakespeare, em especial com Hamlet, King Lear e Macbeth.

PALAVRAS-CHAVE: Loucura, Shakespeare, Foucault, tragédia.

1 INTRODUÇÃO

A história da humanidade está repleta de episódios clássicos de loucura. Poetas, reis, imperadores, generais, amantes apaixonados e tantos outros exemplos que variam entre grandes personalidades e pessoas comuns do cotidiano. Vidas que acabaram em tragédia em virtude de ações motivadas pela ganância, ódio, inveja e outros impulsos elementares da psique, os quais podem ser comparados a uma espécie de loucura humana. O objetivo desta pesquisa é tentar compreender um pouco melhor como o louco foi visto ao longo da história do Ocidente, usando como pano de fundo obras de um dos maiores dramaturgos da Europa medieval e de alguns dos grandes pensadores modernos. Além disso, procuramos demonstrar que a loucura, além de fruto das paixões humanas, também é filha de seu tempo, compreendida e enquadrada conforme o tempo e o espaço no qual está inserida.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O material estudado foram as obras Hamlet, King Lear e Macbeth, tendo como foco a visão histórica de alguns pensadores modernos, em especial, com o pensamento de Foucault e Rotterdam. Através de uma contextualização histórica, procuramos desvendar algo da loucura do homem acometido pelas paixões, relacionando-as aos dramas dos personagens de Shakespeare em seu comportamento regrado pela loucura.

3 SOBRE WILLIAM SHAKESPEARE

Seria desnecessário falar sobre aquele que é considerado o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo. Entretanto, o protocolo me obriga a tecer algumas palavras sobre o autor das obras que são foco deste pequeno trabalho.

Shakespeare nasceu em 23 de abril de 1564, Inglaterra, Stratford-upon-Avon, cidade situada no condado de Warwickshire. Escreveu, além de poemas, dezenas de peças e sonetos que foram traduzidos para os principais idiomas do mundo. Consta-se que foi casado e teve três filhos. A maior parte de suas obras foi produzida entre 1590 e 1613, e versam sobre comédia, tragédia, tragicomédia, romance e passagens históricas.

Poucos dramaturgos, como Shakespeare, souberam imortalizar as tragédias da vida. Seus escritos desnudam a alma e reduzem nobres, plebeus, ricos e pobres a uma tábula rasa, onde as paixões exacerbadas quase sempre acabam por dominar seus principais personagens, conduzindo-os através dos desatinos da vida, entre tragédias, crimes, loucura e violência. Por isso suas obras são consideradas eternas, atemporais, pois independente do tempo ou da época que em que são encenadas, continuam a apresentar uma contemporaneidade estupefacente. Nos dias de hoje, nada é mais moderno do que Shakespeare. Basta ligar a televisão, ler uma folha de jornal ou virar a página de um periódico, que continuaremos a ver os mesmos acontecimentos imortalizados pelo dramaturgo: o ser humano enredado em seu destino trágico-cômico, tal qual

¹ Acadêmico do Curso de Letras Port./Ingl. do Centro Universitário Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – PR. Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Pós-colonialismo e Estudos Culturais UniCesumar, Bolsista PIBIC/CNPq-UniCesumar. E-mail: danielruffini@gmail.com.br.

² Orientador. Professor do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR – Maringá, PR. Líder do grupo de Pesquisa DGP- CNPq – Literatura, pós-colonialismo e Estudos Culturais. E-mail: silvinhoparadiso@hotmail.com



folha levada pela tempestade das paixões, onde as consequências dos atos e palavras tecem a teia de um destino inexorável.

William Shakespeare morreu em 23 de Abril de 1616 e não há uma explicação comumente aceita de como ou porque sua morte teria ocorrido. Seus restos mortais foram sepultados na igreja da Santíssima Trindade (Holy Trinity Church) em sua cidade natal. Há um epitáfio na sua lápide que anuncia uma maldição para quem mover seus ossos:

Bom amigo, por Jesus, abstém-te de profanar o corpo aqui enterrado. Bendito seja o homem que respeite estas pedras,
e maldito o que remover meus ossos.

4 A IMAGEM DA LOUCURA

Ainda não existe, e talvez nunca venha a existir, um consenso absoluto acerca da loucura. Ao longo do tempo foram criados muitos rótulos para defini-la, tais como privação da verdade, falha da natureza, exacerbação da vontade, distúrbio emocional, desajustamento social, desvio de comportamento, etc.

A modernidade presenciou o surgimento de inúmeros desequilíbrios mentais, os quais possivelmente seriam enquadrados como simplesmente loucura em épocas não tão distantes dos nossos dias. Dentre esses desequilíbrios podemos citar, entre outros, os diferentes graus de depressão, os distúrbios de ansiedade, de pânico, de bipolaridade e as esquizofrenias. Entretanto, do ponto de vista da Psicologia atual, a loucura (ou insanía) tem sido tratada como um estado em que a mente humana produz pensamentos fora da norma social, “inconcebíveis” pela sociedade e/ou ideologia vigente.

Há, ainda, quem entenda a loucura como uma forma particular de ver o mundo. Para Erasmo de Hotterdam (2002, p.11), a loucura é a arma da eloquência, pois “[...] quem se insurge em geral contra todos os aspectos da vida não deve ser inimigo de ninguém, mas unicamente do vício em toda a sua extensão e totalidade”.

Monique Plaza, em *A escrita e a loucura*, redefine modernamente a loucura, não como doença em si, mas uma relação de tensão: “[...] a ‘loucura’ não é um estado mental que afeta uma pessoa [...]; ela é antes uma relação. [...] relação de tensão da qual os protagonistas, seja qual for o lado em que se situem, são partes interveniente e responsável” (1990, p.14). Tal tensão, segundo a autora, deriva do conflito com a razão.

Segundo as leis civis, a pessoa previamente diagnosticada como insana por psiquiatras e psicólogos, está ausente de cumprir as obrigações legais e, se ela chegar a cometer crimes contra civis, esses serão automaticamente anulados devido a incapacidade de avaliação da razão. Algumas visões sobre loucura defendem que o sujeito não está doente da mente, mas pode simplesmente ser uma maneira diferente de ser julgado pela sociedade.

Portanto, à luz das diferentes interpretações históricas, é possível perceber que a loucura é uma construção social que se modifica de tempos em tempos. O louco já foi doente, proscrito, sábio e mensageiro divino. Cada cultura o conceitua de uma forma diferente. Porém, é certo dizer que, àqueles cuja a loucura é creditada, não há um lugar em comum na sociedade onde ele possa ser encaixado – sentimento esse que é reforçado a cada vez que não reconhecemos o louco como um agente de sua própria história e da história da sociedade, dizendo que a loucura é somente uma doença que deve ser curada.

Não podemos esquecer o que Foucault fala sobre a loucura no livro *Doença mental e psicologia*: “A doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal” (1975, p.45). Assim sendo, é imprescindível ter sempre em mente que da mesma forma que a loucura não existe sem a razão, nossa tão querida e cultuada razão também não existe sem a loucura; as duas coexistem, em relação. A loucura está dentro da razão, pois se caracteriza não pelos comportamentos do louco, mas pela quebra das regras do que é considerado “normal”. Assim, o erro na conceituação da loucura feita pelo discurso científico está em tomá-la como um fato em si quando, na realidade, ela é essencialmente relacional e varia de acordo com o contexto histórico.

Como já foi dito, a forma de compreender a loucura não foi a mesma durante a história da humanidade. Exemplo disso, é a percepção na Grécia antiga que a loucura era muito mais um desregramento do comportamento moral, uma exacerbação das paixões, do que uma insanidade mental. Esse descompasso entre o comportamento moral e as ações desmedidas era chamado de “hybris”. Acreditava-se que havia uma relação de condenação pelo comportamento doente daqueles que se deixavam arrastar pelas paixões e por isso acabavam condenados pelos deuses, como assevera Roudinesco (2008, p.15): “[...] os deuses da Grécia antiga puniam os homens acometidos pela desmedida (hybris)”.

Na Idade Média a loucura toma um significado singular. Aquilo que era considerado como exacerbação das paixões, digno de padecimento e punição divina, cede espaço para o “Elogio da Loucura”, termo pelo qual Erasmo de Rotterdam a dignifica (2002, p.199): “[...] E, por isso, sedes sãos, aplaudi, vivei, bebei, oh celeberrimos iniciados nos mistérios da loucura”. O louco, na era clássica, passa a ser o detentor da verdade. Frente a um mundo destruído pela miséria, fome e doenças, à luz do pensamento cristão, a loucura torna-se razão. O mundo



daquela época é substancialmente marcado pelo fervor religioso, um cenário no qual santos e loucos se mesclam em uma tentativa de se estabelecer o reino divino na terra, e onde o Evangelho cristão é frequentemente usado para respaldar todos os atos humanos. As peças e autos medievais retomam essa imagem da loucura e “a denúncia da loucura torna-se a forma geral da crítica”. Assim, o papel do louco ganha mais relevância nas farsas e peças teatrais. Diante disso, ele “não é mais, marginalmente, a silhueta ridícula e familiar: toma lugar no centro do teatro”. (FOUCAULT, 1972, p.19).

Ao longo de toda Idade Média o louco tornar-se-á personagem fixo em diversas peças, pois a loucura ainda não era encarada como assunto psiquiátrico. Tal quadro começará a mudar somente após o humanismo renascentista, fortemente influenciado pela cisão da Igreja Católica e pelo crescente poder protestante. A visão ortodoxa católica dignificava o pobre e o louco, porém o renascentismo desmistificou a visão divina da loucura, transformando-a em algo execrável e amaldiçoada.

O surgimento da Psiquiatria tem como base a imagem da loucura em detrimento da razão, e estas (loucura e razão) passaram a ser separadas somente depois do final do século XVII. Até então, não havia uma distinção entre elas. Segundo Foucault, foi durante a época Moderna, acompanhado do cientificismo e da filantropia, que a loucura passou a ser estudada e explorada.

Os séculos XVII e XVIII foram marcados como o período da grande internação. Foram criados hospitais e lugares de internamento para manter os loucos sob quatro paredes. Entretanto, a ideia de tratamento mental, tal qual a compreendemos atualmente, somente veio a surgir entre os séculos XVIII e XIX. Durante pelo menos trezentos anos, os julgados loucos, junto com todos os pobres, criminosos, indigentes e leprosos, foram confinados aos antigos leprosários, numa tentativa sistemática de fazê-los desaparecer aos olhos da comunidade.

Essas hospitalizações objetivavam segregá-los, e assim, as “leis sociais” eram mantidas e seguidas pela população “de bem”. Não havia preocupação médica e assistencial com os pacientes, então eles eram colocados em um único espaço, causando a animalização e o agravamento dos problemas psíquicos, no caso dos insanos. Essas experiências enfatizaram a imagem do louco como um desvirtuador da vida normatizada, potencializando a reclusão e exclusão desses indivíduos do convívio social.

[...] De fato, essa ausência de cuidados médicos, exceção feita à visita prescrita, põe o Hospital Geral quase na mesma situação de uma prisão. As regras nele impostas são em suma aquelas que a ordenação criminal de 1670 prescreve para a boa ordem de todas as casas de detenção [...] Se há um médico no Hospital Geral, não é porque se tem consciência de que aí são internados doentes, é porque se teme a doença naqueles que já estão internados. Teme-se a famosa “febre das prisões.” (FOUCAULT, 1972, p.128).

Os primórdios da Revolução Industrial trazem uma significativa mudança no comportamento social. Há um resgate dos valores cristãos que incentivam a caridade e aceitação da pobreza. Atender o pobre é dever de todo bom cristão, é um dever social. Durante séculos os loucos foram segregados junto àqueles que eram considerados a escória da humanidade, sem distinção entre um e outro. Aos poucos o pensamento médico se volta para loucura e para a busca de um tratamento.

A grande reviravolta no cenário da loucura e seu tratamento surge com o aparecimento de dois personagens: William Tuke e Philippe Pinel. O primeiro, um comerciante filantropo, e o segundo, um médico francês considerado por muitos o pai da psiquiatria. É através deles que nasce a ideia que a loucura não é um mal do homem ou da natureza, mas um desvio provocado pela sociedade e seus valores comportamentais desvirtuados. Por isso são estabelecidas casas de repouso, onde a loucura pode ser isolada através do repouso e do afastamento de suas causas. “O papel do internamento é o de reduzir a loucura à sua verdade” (FOUCAULT, 1972, p.518).

Tuke e Pinel lançaram um novo conceito psiquiátrico: a “humanização dos pacientes”. Introduziram novos métodos de tratamento e tornaram o hospital uma instituição médica. Mas, a procura pela cura fará os médicos desenvolverem o “acorrentamento mental”, fruto dos novos tratamentos. Assim, os hospitais ganham mais prestígios, pois é nesses locais que se diagnostica e classifica as doenças mentais. Os médicos passam a ter o poder de dizer a verdade sobre as doenças e métodos de cura usados, surgindo as punições e isolamentos como formas de curar os doentes mentais.

[...] Não é a luta entre filantropia e barbárie, das tradições contra o novo humanismo. É o tatear desajeitado na direção de uma definição da loucura que toda uma sociedade procura novamente exorcizar, na época em que seus velhos companheiros — pobreza, libertinagem, doença — recaíram no domínio privado. Num espaço social inteiramente reestruturado, a loucura deve encontrar um lugar. (FOUCAULT, 1972, p.467).

E assim, na medida em que a ciência foi se desenvolvendo e a psiquiatria passou a direcionar o tratamento de doenças mentais, chegamos até os dias atuais em que a loucura se tornou uma doença de mil



faces. Entretanto, como nosso objetivo não é estudar a loucura na atualidade, mas sim na obra de Shakespeare, voltaremos aos séculos XVI e XVII, onde Hamlet, King Lear e Macbeth foram escritas. É a época onde os dramas sociais, e sua relação com a loucura, passaram a ser o ponto essencial nas peças teatrais. “Na obra de Shakespeare, são as loucuras que se aparentam com a morte e o assassinato” (FOUCAULT, 1972, p.45).

Veremos que as punições de todos os personagens nas obras citadas tornam-se uma só – o fim da vida, e os motivos pelos quais se transfiguram na insensatez são diversos. No teatro inglês, a imagem da loucura surge como fonte para obter vantagens, um castigo, uma fuga das dificuldades ou fruto das maldades, para “melhor resultado dramático” (REIS, 2010, s/p). Podemos citar a decadência mental de Lady Macbeth ou de Hamlet, que com grande força cênica deixa-se passar por louco, levando ao suicídio sua amada Ofélia.

Porém, muito mais do que um recurso dramático ou uma estratégia astuta para se atingir os fins desejados, a loucura, em Shakespeare, revela o homem em sua natureza primitiva, despindo-o de qualquer roupagem social atemporal. Isto é, indiferentemente de cultura ou da época em que o drama humano se desenrole, este é cíclico, demonstrando que as camadas sociais somente encobrem o que o homem verdadeiramente é: “[...] um mundo interior de maus instintos, de perversidade, de sofrimentos e violência que até então estivera adormecido” (FOUCAULT, 1972, p.564). Logo, a vingança de Hamlet, o orgulho de Lear ou a cobiça de Macbeth levam à ruína, destroem famílias, provocam desespero e terminam em morte. O louco, “[...] acorrentado pela força de suas paixões, arrebatado pela vivacidade dos desejos e das imagens, torna-se irresponsável” (FOUCAULT, 1972, p.565). É à luz da loucura, que descreveremos sucintamente as três obras.

4.1 A LOUCURA E A VINGANÇA - HAMLET

Na peça Hamlet, o príncipe de mesmo nome forja uma loucura como meio de mostrar a verdade a toda Dinamarca. O pai de Hamlet fora assassinado a mando de seu próprio tio, Cláudio, o qual queria usurpar-lhe o trono e casar com a então rainha Gertrudes, mãe de Hamlet. Certa noite, o espectro do pai de Hamlet aparece, revelando-o toda verdade e incitando-o à violência como forma de vingança. Para tomar atitudes violentas e denunciar o assassinato, o protagonista finge estar louco. Assim, a loucura simulada torna-se a porta-voz que fará surgir a verdadeira loucura de Hamlet: a vingança.

Antes de mais nada, sustento que, em geral, as paixões são reguladas pela loucura. Com efeito, que distingue o sábio do louco? Não será, talvez, o fato do louco se guiar em tudo pelas paixões, e o sábio pelo raciocínio. (ROTTERDAM, 2002, p.60)

Os primeiros traços da loucura vingativa começam a surgir em Hamlet antes mesmo de tomar conhecimento do assassinato de seu pai. Há um inconformismo agudo com o novo matrimônio de sua progenitora com seu tio, e a amargura que se transformará em vingança já pode ser inicialmente percebida através das palavras de Hamlet ao julgar antecipadamente sua mãe que, ao longo da peça, provar-se-á inocente:

Num mês, antes que o sal das lágrimas tão falsas secassem de seus olhos tumefeitos estar ela casada! Oh! Pressa iníqua de subir para o tálamo incestuoso! Não pode acabar bem... Mas despedaça-te, coração; é mister ficar calado. (SHAKESPEARE, 2001, p.09)

Após ter recebido a visita do espectro de seu pai, as ações de Hamlet passam a ser norteadas pelo desejo de vingança, e esta loucura acaba por desvirtuar seus pensamentos. Hamlet adota um comportamento somente esperado de um louco, onde todas suas ações e falas passam a ser permitidas. Dessa forma, a loucura passa a ser o interlocutor da verdade, como diz Polônio no ato II, cena I, de Hamlet: “Apesar de ser loucura, revela método.” (SHAKESPEARE, 2001, p.25).

Sabemos que esta loucura de Hamlet é fingida, pois logo no Ato I, cena V, ele anuncia a Horácio sua intenção de se passar por louco. Neste momento, ele também o induz a prometer que manterá segredo.

Entretanto, a loucura simulada de Hamlet esconde uma verdade maior, uma loucura que ao se apoderar de sua personalidade o levará a realizar atos tão monstruosos quanto àquele que levou ao assassinato de seu pai. Esta é a loucura da vingança, a qual desvirtua o pensamento e impede que os fatos sejam vistos com clareza. “[...] Meu espírito está doente [...]” (SHAKESPEARE, 2001, p.41). A compreensão de Hamlet é tão distorcida pela loucura vingativa, que ele começa a crer que sua própria mãe compactou com o assassinato de seu pai.

Assim, a loucura simulada de Hamlet que antes era a única forma de livrar-se do crime e expor sua sinceridade, acaba por conduzi-lo, através de sua verdadeira loucura, ao assassinato do pai da mulher que ama, à loucura e morte de sua amada, à morte de sua mãe e, finalmente, à sua própria morte.

4.1.1 A Loucura de Ofélia – O Desatino do Amor

Enquanto Hamlet é taxado como louco, insano e inconsequente, Ofélia, sua amada e quem tanto o deseja, apresenta uma leve loucura, a qual tornar-se-á progressiva até o momento em que culminará com seu



afogamento enquanto cantava despercebida de sua própria morte:

[...] Ao tentar pendurar suas coroas nos galhos inclinados, um dos ramos invejosos quebrou, lançando na água chorosa seus troféus de erva e a ela própria. Seus vestidos se abriram, sustentando-a por algum tempo, qual a uma sereia, enquanto ela cantava antigos trechos, sem revelar consciência da desgraça, como criatura ali nascida e feita para aquele elemento. Muito tempo, porém, não demorou, sem que os vestidos se tornassem pesados de tanta água e que de seus cantares arrancassem a infeliz para a morte lamacenta”. (SHAKESPEARE, 2001, p.62)

A origem da loucura de Ofélia é o amor de uma filha de camareiro pelo príncipe da Dinamarca: Hamlet. É a loucura do desespero. A loucura daqueles que perderam tudo que amavam: o pai e o amor idealizado. Seu amor impossível é descrito como paixão desesperada:

[...] O amor decepcionado em seu excesso, sobretudo o amor enganado pela fatalidade da morte, não tem outra saída a não ser a demência. Enquanto tinha um objeto, o amor louco era mais amor que loucura; abandonado a si mesmo, persegue a si próprio no vazio do delírio. (FOUCAULT, 1972, p.44).

Incapaz de sustentar-se no mundo real, a loucura de Ofélia leva-a a refugiar-se em um mundo onírico. Tal como disse o poeta, “Os homens, enfim, querem ser enganados e estão sempre prontos a deixar o verdadeiro para correr atrás do falso”. (ROTTERDAM, 2002, p.100)

Ofélia possui uma psicose típica (NUNES; 1989), consequência das experiências paradoxais e conflituosas entre o irmão, o pai e Hamlet. A loucura de Ofélia é tão bem definida que chega a mostrar um quadro de dissociação mental típica, caracterizada por Freud: “[...] o louco, ao contrário, é o que se deixa arrastar ao sabor de suas paixões[...]”. (ROTTERDAM, 2002, p.36).

4.2 A LOUCURA E O ORGULHO – KING LEAR

A tragédia de Lear, como todas as tragédias humanas tão bem retratadas por Shakespeare, é a desgraça do homem pelo próprio homem. De caráter iracundo e orgulhoso, características que marcam fortemente os poderosos, neste caso um rei, Lear em sua velhice não é capaz de aceitar a sinceridade nas palavras da filha pela qual nutre mais afeto, Cordélia. Acostumado a ser lisonjeado por súditos, prefere as palavras repletas de falsidades e interesses das outras duas filhas. Tomado pela cólera, deserdou Cordélia e a entrega à França.

A peça apresenta o rei prestes a partilhar seus bens. O critério para a partilha baseia-se unicamente na medida do amor e da gratidão “verbalmente expressos” pelas três filhas. Assim, Goneril e Regana se esmeram por expressar em palavras o que seria do agrado do rei ouvir, já que no cotidiano não pareciam lhe dedicar tanto grandioso afeto. Mas, a caçula, Cordélia, contrariando a conduta das irmãs mais velhas, não faz elogios ao rei, pois seu amor está em seu coração e não em suas palavras. Declara ao pai que o ama como impõe o dever de filha: nem mais nem menos: Cordélia – “Meu bondoso senhor, vós me gerastes, educastes e me amastes, pagando eu todos esses benefícios qual fora de justiça: com obediência e amor vos honro sempre extremamente” (SHAKESPEARE, 2002, p.12). Como consequência, Cordélia é deserddada.

É interessante perceber como Shakespeare constrói a figura de Lear em torno da polaridade orgulho e senilidade. Quando seu fiel amigo, Conde de Kent, tenta interceder frente a injustiça para com Cordélia, Lear o ameaça e o expulsa do reino.

Oh vassalo! Insolente! [...] Já que tentaste provocar a quebra de nosso voto – o que jamais fizemos – e com teimoso orgulho te meteste entre nossa sentença e nosso trono – o que não pode suportar a nossa natureza, nem menos nosso posto – de pé nosso poder, toma tua paga: cinco dias te damos, porque possas contra os males do mundo premunir-te; ao sexto voltará o dorso odioso a todo nosso reino; e se no décimo esse corpo banido for achado dentro de nossas terras, esse instante será tua morte.(SHAKESPEARE, 2002, p.16).

Em King Lear Shakespeare retrata claramente como o orgulho é capaz de destronar poderosos, levando-os a sua única e verdadeira condição – homens comuns, repletos de vícios disfarçados de grandeza. O orgulho de Lear o impede de ver a virtude onde ela se encontra, nas palavras humildes e sinceras de sua filha e na amizade fiel do Duque de Kent. Isso ocorre porque o orgulho não vê além de si mesmo. É incapaz de ver onde se encontra a verdade e não conhece a virtude do próximo.

O drama também aborda a questão da senilidade. No universo europeu da Idade Média, King Lear enfatiza a problemática da velhice, do fardo pesado que o ancião se torna para sua família e da loucura advinda



da senilidade. Sem conseguir um filho que tomasse o seu lugar no trono bretão, deixando a “sucessão” às três filhas mulheres que, necessariamente, à coroa do velho monarca destinariam um dos esposos. Entretanto, a grande tragédia na vida desse soberano foi se ver como um estorvo nas mãos de suas herdeiras, das quais com exceção, Cordélia, a filha mais jovem, não queria se casar, preferindo proteger o pai ancião da ganância de suas irmãs, Goneril e Regana, e seus respectivos maridos, que almejavam o reino da Bretanha.

As atitudes impensadas do rei em criar condições tão absurdas para medir o amor das filhas e banir a filha caçula passam a ser ressaltadas como consequências de uma possível loucura, não mais apenas pelo conde Kent e por Cordélia, mas por suas outras filhas que

[...] têm o pai como verdadeiro demente. Assim, temerosas que semelhante acesso de loucura também se reverta contra elas pretendem extinguir os poderes do rei. Então o rei, desprezado pelas filhas em que acredita residir o verdadeiro amor e gratidão, imerge em tormento físico e psíquico representado no texto pela noite e pela tempestade. A solidão, a ingratidão e a percepção da injustiça cometida contra sua filha caçula o levam à insanidade mental. Passa então, a vagar e viver como mendigo acompanhado do bobo da corte [...] (VALENZA PAIVA, 2009, p.126).

Pior que o método, a sentença de condenação da própria filha é o que sela sua condição de louco. Uma das características da loucura, segundo Erasmo de Rotterdam (2002, p.16) é falar tudo que vem à boca, independentemente de suas consequências: “Eu, ao contrário, sempre gostei muito de dizer o que me vem à boca”.

Todavia, a consequência não medida não se anula para o monarca. Seu final, errante e acompanhado de um bobo da corte, revela a marginalização do louco, no qual o remédio para a insanidade é encontrado na ausência da socialização. Tal imagem concerne à visão de Foucault (1972) acerca da marginalização daqueles que eram considerados desprovidos da capacidade racional.

Lear também revela uma faceta da loucura que está intimamente ligada à idade avançada, uma espécie de insanidade fruto da senilidade. Regane, uma das filhas do rei admite isso quando o aconselha: “O senhor, já estais velho! A natureza chegou em vós ao seu confim postremo. Devereis ser guiado e governado por alguém, que melhor do que vós mesmo, vossas necessidades compreendesse.” (SHAKESPEARE, 2002, p. 92). Diferente de Hamlet que usa a loucura como artifício para a verdade ou Ofélia que enlouquece de amor, Lear é a imagem de um tipo de “loucura” que inevitavelmente encarcerará a todos: a idade avançada.

4.3 A LOUCURA E A AMBIÇÃO - MACBETH

Macbeth é a menor tragédia de Shakespeare. Ambientada na Escócia, relata a história de como a cobiça conduz um general a atos de loucura, ao culminar com o assassinato de seu soberano. Macbeth encontra ao acaso três bruxas, as quais predizem que seu destino é governar a Inglaterra. Lady Macbeth, esposa do general, após tomar conhecimento por seu marido da profecia, se enche de ambição e o insufla a cometer o ato de assassinato.

Mais uma vez se verifica na obra de Shakespeare o instinto vil e inato da natureza humana, o qual se revela em momentos onde surge a oportunidade. Apesar do general receber de seu rei, Duncan, as maiores honrarias e promoções, ainda assim não tarda em cobiçar o trono e a agir contra todos aqueles que o impediam de conquistá-lo. Ao tomar conhecimento que o suserano planeja repousar em seu castelo, persuadido pela esposa, Macbeth planeja assassiná-lo e imputar a culpa aos filhos do Rei, que são obrigados a fugir para preservar a própria vida. Não satisfeito em reter o trono, o antigo general inicia uma série de perseguições e mortes, entre elas a de seu possível rival, Banquo, alvo de uma profecia que o apontava como o progenitor de futuros reis.

Macbeth é o retrato da loucura que acomete a todos que nunca se satisfazem com o que possuem. É a loucura da cobiça desenfreada, da sede de poder que vai muito além da necessidade de se conquistar o necessário para se viver com dignidade. É, também, a loucura do homem cujo caráter é desvirtuado pela influência nefasta da mulher, e que não tem escrúpulos para obter aquilo que deseja. É a paixão, a “hybris” grega, no seu estado bruto, despido pela influência maligna da mulher. Nas palavras de Lady Macbeth, tem início o ardil para seduzir seu esposo, levando-o à loucura da ambição.

[...] Mas antes medo tens de fazer isso do que desejas que não fique feito. Vem para cá, para meus espíritos nos ouvidos de deite e com ousadia de minha língua chicoteie quantos obstáculos te separam do áureo círculo com o destino e o auxílio metafísico com que desde já te coroaram. (SHAKESPEARE, 2002, p.27)

Macbeth demonstra relutância em levar a cabo o ato macabro. Por honra, bondade ou por covardia, protela em assassinar seu suserano, mas acaba sendo arrastado pela cobiça desmedida de Lady Macbeth que



invoca os espíritos infernais para que seu ato possa ser executado sem a fraqueza feminina.

[...] Vinde, espíritos que os pensamentos espreitais de morte, tirai-me o sexo, cheia me deixando, da cabeça até os pés, da mais terrível crueldade! Espessai-me todo o sangue; obstruí os acessos da consciência, porque batida alguma compungida da natureza sacudir não venha minha hórrida vontade, promovendo acordo entre ela e o ato. Ao feminino peito baxai-me, e fel bebei por leite, auxiliares do crime, de onde as vossas substâncias incorpóreas sempre se acham à espreita de desgraças deste mundo. Vem, noite espessa, e embuça-te no manto dos vapores do inferno mais sombrios, porque as feridas meu punhal agudo não veja que fizer, nem o céu possa espreitar através do escuro manto e grita: “Pára, Pára!” (SHAKESPEARE, 2002, p.28)

Dentro da dramaturgia shakespereana é inevitável não nos lembrarmos do casal Macbeth quando o assunto é loucura e excessos. Como disse o escritor, é o “Privilégio absoluto da loucura: ela reina sobre tudo o que há de mau no homem” (FOUCAULT, 1972, p.28). O general é movido por paixões excessivas, fruto de sua “hybris”, a ambição. Tal sentimento burilado pela desmedida atua sobre seu caráter, responsável por consequências terríveis, trágicas, imorais e criminosas, dentre as quais, como já observamos, culmina na loucura – o resultado do excesso.

Após o assassinato do rei Duncan, persuadido pela esposa e pelas bruxas, o general agora rei, desencadeia uma sucessão de mortes, eliminando todos que, de alguma forma, ameaçam seu plano. Tais atitudes são levadas pela paixão enlouquecida de poder, uma espécie de loucura que Foucault (1972) chama de “loucura da vã presunção”, que cria uma relação fantasiosa do homem consigo, estabelecendo a si mesmo características irreais, como por exemplo, até mesmo se considerar um deus (p.38).

Entretanto, a valentia de Macbeth frente seus possíveis adversário cai por terra frente seu maior inimigo, agora que sua razão se esvai e a loucura toma conta de seu ser: sua própria consciência. Por ter cometido o fatídico ato, Macbeth se vê obscurecido pela loucura que o faz sofrer alucinações:

MACBETH [...] Será um punhal que vejo em minha frente com o cabo a oferecer-me? Peguemo-lo. Não te apanhei ainda; no entretanto, vejo-te sempre. Não serás sensível, visão funesta, ao tato como à vista? Ou de um punhal não passas, simplesmente, do pensamento, uma criação fictícia, procedente do cérebro escaldante? [...]. Não existe tal coisa; é o sanguinário projeto que a meus olhos toma forma. [...] os sonhos maus iludem sob as pálpebras o sono bem velado; [...] (SHAKESPEARE, 2002, p.39)

Quase que imediatamente após o assassinato de Duncan, Macbeth já carrega o peso da culpa, que transformará o ato alucinado de matar numa loucura em que sua mente se perderá nos caminhos isentos da razão, onde a “[...] profundidade iluminada pela loucura é a maldade em estado selvagem”. (FOUCAULT, 1972, p.564)

A loucura e culpa atingem também Lady Macbeth, que através do patriarcalismo do texto de Shakespeare, ainda é apresentada com Eva ou Dalila que conduz Adão ou Sansão a eterna perdição. Afinal, muito pior que louca, Lady Macbeth era mulher.

A ambição extremada e a falta de diretrizes morais de Lady Macbeth, condições de caráter que a motivam a agir no intuito de concretizar seus propósitos, constituem as forças maiores da trama (HARRISON, 1992, p.32), tal relação de induzir o marido ao erro está intimamente ligada a questão de gênero.

A relação entre a culpa e a loucura torna-se nítida no Ato V, cena I. Pelo incentivo dado ao esposo para cometer o assassinato do rei Duncan, Lady Macbeth expõe um exemplo do postulado de Freud de que certos doentes “preferem” inconscientemente adoecer a sentirem-se culpados por suas ações:

MÉDICO – Que faz ela agora? Vede como esfrega as mãos.

CAMAREIRA – É um gesto habitual nela, fazer como quem lava as mãos. Já a vi continuar desse jeito durante um quarto de hora.

LADY MACBETH – Aqui ainda há uma mancha.

MÉDICO – Atenção! Está falando. Vou tomar nota do que ela disser, para reforçar a memória.

LADY MACBETH – Sai, mancha amaldiçoada! Sai! Estou mandando. Um dois... Sim, já é tempo de fazê-lo. O inferno é sombrio [...].

MÉDICO – Ouviste o que ela disse?

LADY MACBETH – O Tane de Fife tinha uma mulher. Onde está ela agora? Como! Estas mãos nunca ficarão limpas? Basta, senhor; não falemos mais nisso. Estragueis tudo com essa vacilação.

MÉDICO – Ide, ide! Ficastes sabendo mais do que seria conveniente. (SHAKESPEARE,



2002, p.114)

Sonâmbula e surtada, revela detalhes sobre seus crimes, motivada pela fúria da culpa. A imagem da loucura relacionada com demônios é observada na fala de seu médico particular, que conclui que Lady Macbeth precisava mais dos serviços de um “padre do que de um médico”. Além disso, o mesmo observa que embora o sonambulismo tenha sido atribuído a rainha, ela mantém os “olhos abertos” ao que a aia responde que “seus sentidos estão fechados”. Um dos maiores psicanalistas da modernidade, o britânico *Wilfred Ruprecht Bion* (*apud Franca, 2004, p.265*) revela que o psicótico não sonha, pois “incapacitado para estar acordado, e também para estar dormindo [...] produz compulsivamente um sem número de ‘teorias’ a respeito de si mesmo e do mundo”

Tal como o marido, Lady Macbeth caminha para a desagregação psíquica e finalmente ao suicídio.

5 CONCLUSÃO

A partir dos estudos sobre a loucura, Rotterdam, em *Elogio da Loucura* (2002), revisitava a imagem da loucura sob uma nova visão, sem os clichês de outrora, sem misticismo ou estereótipos, mas avaliando a necessidade do papel da loucura e do louco no corpo social. Porém, foi com Foucault em *História da Loucura na Idade Clássica* (1972) que se observou as relações entre loucura e literatura. Para o pesquisador francês, as peças de Shakespeare são “testemunhas de uma experiência trágica da Loucura, nascida no século XV” (FOUCAULT, 1972, p.45). Além de Foucault e Rotterdam, outros pesquisadores do assunto, psicólogos, psiquiatras, terapeutas e literatos apontam na obra shakespereana uma rica fonte para avaliar a loucura e seus protagonistas.

Dentre os vários personagens das peças de Shakespeare, analisamos a imagem da loucura e do ‘louco’ em cinco personagens, a saber: Hamlet e Ofélia (Hamlet), Lear (Rei Lear) e General Macbeth e Lady Macbeth (Macbeth). Todos sem exceção foram construídos a fim de que, esteticamente, a relação causa e consequência, muito comum na tragédia, fosse retomada a partir do conceito clássico. Em Shakespeare, esses loucos transmitiram a ideia de paixões exacerbadas (hybris), ao mesmo tempo que expuseram um tipo social muito comum na sociedade: o louco. Entretanto, a loucura aqui retratada buscou também associar o estado de loucura a certas características marcantes da personalidade humana, as quais estão normalmente diluídas em um emaranhado de incoerências psicológicas e que têm grande impacto na forma pela qual a existência humana é experienciada.

A vida, por si só, mesmo antes de sofrer os impactos das ações humanas, já vem carregada de tragédias. O nascimento, as doenças, as perdas, a velhice e a morte já trazem consigo uma grande carga de sofrimento ao homem. Entretanto, a esses sofrimentos agregamos aqueles advindos da vingança, do orgulho, da cobiça e da senilidade aqui retratados, modelos estes comuns na loucura tradicional.

Shakespeare apresenta a loucura como artifício estético e fenômeno inerente ao ser humano, ultrapassando os limites da medicina por representar não uma patologia do órgão cerebral, mas uma patologia moral, intelectual e espiritual. Tal assertiva é bem exposta na personagem de Lady Macbeth que apresenta uma loucura sem propósito, um vazio “além da prática médica”, como infere a fala do médico particular da rainha. Nela, observamos uma loucura que não precisa da ciência médica, mas da misericórdia de Deus (Macbeth, ato V, cena I).

Assim, Shakespeare acaba abordando a loucura da forma como Rotterdam e Foucault o fizeram, isto é, observando a loucura muito além da doença mental, mas uma tensão entre indivíduo e sociedade. Provando, desta forma, que o instinto feroz, irracional e perturbador não afastam seus portadores do mundo humano, mas ao contrário, acabam por inseri-los em um mundo regido pela tragédia fruto das ações humanas, reduzindo-os, em última análise, à verdade elementar de que o homem, independentemente de sua cultura ou círculo social, sempre foi e será regido pela paixão.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro. Editora Tempo Brasileiro. 1975.

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FRANCA, M. O. de A. F. **Bion em São Paulo – Ressonâncias**. Sociedade Brasileira de São Paulo, 2ª edição, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HARRISON, Karl C. **Every Man’s Shakespeare**. Nashville, Tennessee: Winston-Derek Publishers, Inc., 1992, p. 32.

MACEDO, L. F. A experiência trágica da loucura em Michel Foucault. In: X Congresso Mineiro de Psiquiatria,



2002, Belo Horizonte. **Anais do X Congresso Mineiro de Psiquiatria**, 2002.

NUNES, E. P; NUNES, C.H. **Freud e Shakespeare**. Imago Editora, 1989.

PLAZA, M. **A Escrita e a Loucura**. Lisboa: Estampa, 1990.

REIS, L. A. Teatro e loucura in: **Continente on line**. Disponível em http://www.revistacontinente.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2051&Itemid=102. Acesso em 30/12/2010.

ROUDINESCO, E. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ROTTERDAM, E. de. **Elogio da Loucura**. Editora Atena, 2002.

SHAKESPEARE, W. **Macbeth**. Edição Ridendo Castigat Mores. 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/macbethr.pdf>. Acesso em 15/03/2014.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet**: Príncipe da Dinamarca. 2001. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/danielsantfive/a-tragdia-de-hamlet-prncipe-da-dinamarca>. Acesso em 15/03/2014.

SHAKESPEARE, W. **Rei Lear**. Edição Ridendo Castigat Mores. 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/lear.pdf>. Acesso em 15/03/2014.

VALENZA PAIVA, N. S. Loucura e direito em King Lear de William Shakespeare. In: I Congresso Internacional da

ABRAPUI, 2007, Belo Horizonte. **Anais do I congresso Internacional da ABRAPUI**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2009.